

Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white sans-serif font on a blue rectangular background.

A crise atual não pode ser atribuída ao capitalismo e às idéias econômicas liberais [The current crisis can not be attributed to capitalism and economic ideas Liberals]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository.
More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Wolfart, Graziela
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-07-12 02:28:40
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/161429

se decidir pela intervenção decisiva dos mercados, a crise pode avançar a um ponto que destrói completamente a capacidade de decisão dos indivíduos. A menos que a intervenção seja de tal ordem potente e abrangente, como, por exemplo, a estatização do sistema bancário.

IHU On-Line - China e Índia ganham mais importância na economia mundial?

Luiz Gonzaga Belluzzo - Isso é uma ilusão. Nem a China nem a Índia têm condições. Essa idéia de que vão contrabalançar a queda do crescimento americano é um pouco complicada, até porque não têm peso suficiente na economia mundial para fazer isso. É claro que a China pode evitar que os efeitos da crise atinjam completamente a sua economia. Ela pode se defender, continuar crescendo, mas não é isso que vai impedir uma recessão global. Ela pode até montar um esquema de defesa dentro das economias asiáticas, que estão desacelerando rapidamente.

IHU On-Line - O senhor concorda com o uso do FGTS para a compra de ações da Petrobras?

Luiz Gonzaga Belluzzo - Agora não é hora para isso, não. É preciso tomar um certo cuidado. Não vejo nenhum impedimento grave, mas isso já foi feito, os trabalhadores compraram ações com os recursos do FGTS. Insisto: agora não é o momento de se pensar nisso, porque a bolsa está muito instável. Acho que ela irá sofrer um processo de desvalorização. Não é hora de se discutir esse assunto.

LEIA MAIS...

Confira outras entrevistas concedidas por Luiz Gonzaga Belluzzo. Acesse nossa página eletrônica www.unisinos.br/ihu

Entrevistas:

* “Nós fomos ultrapassados pelos outros, o que não quer dizer que isso seja um fenômeno insuperável”. Revista *IHU On-Line* nº 218, de 07-05-2007.

* “Nós não temos uma definição exata nem da profundidade nem da extensão da crise”. *Notícias do Dia*, de 02-03-2008.

A crise atual não pode ser atribuída ao capitalismo e às idéias econômicas liberais

A idéia de que a crise financeira atual é produto da aplicação de princípios liberais é completamente errada, defende o professor Roberto Camps Moraes

POR GRAZIELA WOLFART

Na opinião do professor Roberto Camps Moraes, da Unisinos, a crise atual não pode ser atribuída ao capitalismo e às idéias econômicas liberais. “Esta idéia é completamente falsa”, afirma ele. Em sua argumentação, ele explica que “a teoria moderna da política monetária, aquela em que se baseiam os grandes bancos centrais do mundo, e que nada tem a ver com as falhas regulatórias que foram responsáveis pela crise atual, deve uma grande parte a alguns princípios básicos que foram defendidos por Milton Friedman nas décadas de 1950 a 1970 do século passado”. Roberto Camps Moraes possui graduação em Ciências Econômicas e em Ciências Sociais, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. É mestre em Economia pela mesma instituição, e doutor em Economia, pela Vanderbilt University, dos Estados Unidos. É autor dos *Cadernos IHU Idéias* números 101 e 104, intitulados *As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária* (partes 1 e 2).

IHU On-Line - Em que sentido a crise financeira mundial nos convida a re-visitamos os autores clássicos da economia? Que autor melhor contribui para a compreensão do momento econômico atual, a partir da crise nos EUA?

Roberto Camps Moraes - Na minha área — a Macroeconomia e a Teoria Monetária —, a crise nos leva a quase todos os clássicos, tais como David Hume,¹ Adam Smith,² Ricar-

¹ **David Hume** (1711-1776): filósofo e historiador escocês, que, com Adam Smith e Thomas Reid, é uma das figuras mais importantes do chamado Iluminismo escocês. É visto, por vezes, como o terceiro e o mais radical dos chamados empiristas britânicos. A filosofia de Hume é famosa pelo seu profundo ceticismo. Entre suas obras, merece destaque o *Tratado da natureza humana*. (Nota da IHU On-Line)

² **Adam Smith** (1723-1790): considerado o fundador da ciência econômica. A *riqueza das nações*, sua obra principal, de 1776, lançou as bases para um novo entendimento do mecanismo econômico da sociedade, quebrando paradigmas com a proposição de um sistema liberal, ao invés do mercantilismo até então vigente. Outra faceta de destaque no pensamento de Smith é sua percepção das sofríveis condições de trabalho e alienação às quais os trabalhadores encontravam-se submetidos com o advento da Revolução Industrial. O Instituto Humanitas Unisinos promoveu em 2005 o I Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia. No segundo encontro deste evento, a professora Ana Maria Bianchi, da USP, proferiu a conferência “A atualidade do pensamento de Adam Smith”. Sobre o tema, concedeu uma entrevista à *IHU On-Line* número 133, de 21-03-2005. Ainda sobre Smith, confira a edição 35 do *Cadernos IHU Idéias*, de 21-07-2005, intitulada *Adam Smith: filósofo e economista*, escrita por Ana Maria Bianchi e Antônio Tiago Loureiro Araújo dos Santos, disponível para *download* no sítio do IHU. (Nota da IHU On-Line)

do,³ William Bagehot, J. S. Mill,⁴ Karl Marx, Knut Wicksell,⁵ Alfred Marshall,⁶ A. Pigou⁷ e Irving Fisher.⁸ Mas, sem dúvida, aqueles autores do século XX que estão mais próximos e que nos são mais familiares pelas suas obras posteriores à Grande Depressão — a mãe de todas as crises e geradora da teoria keynesiana — e que a interpretaram são John Maynard Keynes e Milton Friedman. Tanto na *Teoria geral* (1936) de Key-

3 David Ricardo (1772 - 1823): economista inglês, considerado um dos principais representantes da economia política clássica. Exerceu uma grande influência tanto sobre os economistas neoclássicos como sobre os economistas marxistas, o que revela sua importância para o desenvolvimento da ciência econômica. Os temas presentes em suas obras incluem a teoria do valor-trabalho, a teoria da distribuição (as relações entre o lucro e os salários), o comércio internacional, temas monetários. A sua teoria das vantagens comparativas constitui a base essencial da teoria do comércio internacional. Demonstrou que duas nações podem beneficiar-se do comércio livre, mesmo que uma nação seja menos eficiente na produção de todos os tipos de bens do que o seu parceiro comercial. Ao apresentar esta teoria, usou o comércio entre Portugal e Inglaterra como exemplo demonstrativo. (Nota da IHU On-Line)

4 John Stuart Mill (1806-1873): filósofo e economista inglês. Um dos pensadores liberais mais influentes do século XIX, foi defensor do utilitarismo. (Nota da IHU On-Line)

5 Johan Gustaf Knut Wicksell (1851-1926): economista sueco. Usou o conceito “natural” a fim de explicar o equilíbrio de longo prazo da taxa de juros. Em seu trabalho *Interest and Prices*, Wicksell escreveu sua versão da Teoria Quantitativa da Moeda, com uma visão particular a respeito dos efeitos indiretos da oferta da moeda nos preços. (Nota da IHU On-Line)

6 Alfred Marshall (1842-1924): considerado um dos economistas mais influentes de sua época. Sua principal obra, *Principles of Political Economy*, de 1890, trouxe as teorias da oferta e da demanda, da utilidade marginal e dos custos de produção. O Instituto Humanitas Unisinos, através do evento I Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia, em 2005, promoveu a palestra “A era industrial e a contribuição de Marshall”, dia 5 de outubro, na Livraria Cultura, em Porto Alegre, ministrada pela Profa. Dra. Maria Aparecida Grandene de Souza, da UFRGS, e no dia 20 de outubro, na Unisinos, pela Profa. Dra. Ana Lucia Gonçalves da Silva - UNICAMP/SP. (Nota da IHU On-Line)

7 Arthur Cecil Pigou (1877-1959): economista inglês. Aluno e sucessor de Alfred Marshall na cátedra de Economia Política da Universidade de Cambridge (1908-1943), desafiou doutrinas econômicas vigentes e a tradição neoclássica em relação à substituição da ação industrial privada pelo estado. Desenvolveu o conceito da taxa de Pigou, uma medida do estado para influenciar o comportamento de agentes econômicos no mercado, com o objetivo de corrigir externalidades negativas. Além do mais, formulou o efeito de Pigou, que explica o aumento da demanda para bens de consumo num período de deflação. (Nota da IHU On-Line)

8 Irving Fisher (1867-1947): economista americano. (Nota da IHU On-Line)

nes como na *História monetária dos EUA*, de Friedman e Schwartz, especialmente no capítulo 7 (“The great contraction”), encontraremos uma discussão que se aplica em parte à análise da atual crise. Mas atual mesmo, e com uma análise com a qual eu concordo em quase 100%, é Nouriel Roubini,⁹ professor da NYU, que tem um site muito interessante e informativo na rede (RGE Monitor). Barry Eichengreen¹⁰ (autor do excelente *Globalização do capital* e professor de Berkeley) também tem uma produção que ajuda muito a entender esta crise. Acabo de ver na internet que hoje (02/10) ele publicou uma explicação da crise fundada na falha regulatória, que, sem dúvida foi, a meu ver, um dos fatores básicos.

IHU On-Line - Como essa crise elucidada o contraponto entre Friedman e Keynes? Como Milton Friedman enfrentaria o momento atual? O senhor concorda que as suas teses se desfazem feito um castelo de areia?

Roberto Camps Moraes - Muito pelo contrário. Milton Friedman — assim como os autores que se alinham na história do pensamento econômico em torno de uma tradição que poderia ser chamada de monetarista, começando com Ricardo — sempre defenderam a idéia-chave de que devem existir regras sobre a expansão da moeda e do crédito. Ricardo defendeu o padrão-ouro, que foi uma grande regra de contenção da moeda e do crédito pela camisa de força da moeda lastreada. Friedman defendeu, para o sistema de moeda fiduciária do século XX, uma regra monetária simples de contenção: a regra do X %. Mas, se você ler *O papel da política monetária* (1968), encontrará passagens que antecipam o sistema de metas de inflação, por exemplo, que nada tem a ver com a causação da atual crise. A idéia de que esta crise é produto da aplicação de princípios liberais é completamente errada. Dá para entender a sua origem

9 Nouriel Roubini (1958): economista turco. É presidente da Roubini Global Economics, escritório de economia e análise financeira. Também é professor de economia na Universidade de Nova York. (Nota da IHU On-Line)

10 Barry Eichengreen (1952): economista americano. É professor de economia e ciências políticas na Universidade da Califórnia. Sua mais recente obra é *The european economy since 1945: co-ordinated capitalism and beyond* (Princeton University, 2007). (Nota da IHU On-Line)

nos seguintes fatos: (a) os executivos dos bancos de investimento que atuavam fora da supervisão do Fed, e que formavam um sistema bancário paralelo e clandestino que foi responsável pelo alavancamento e riscos excessivos do crédito, costumavam defender a sua liberdade de ação predatória, usando argumentos ditos liberais de auto-regulação; e (b) Hayek defendeu em uma obra — e alguns anarco-capitalistas defendem — a idéia de *free banking*, que poderia ser traduzida como a “privatização” da moeda pela abolição do monopólio do Banco Central.

Predadores do crédito e da moeda

Estes dois fatos não transformam o Goldman Sachs¹¹ em agente de idéias liberais; pelo contrário, estes indivíduos que usaram argumentos liberais e que vão pedir socorro para o governo socializar as maciças perdas impostas à sociedade pela sua conduta não controlada são animais que jamais existiriam em um ambiente regulatório que preserva os direitos de propriedade e a portabilidade intertemporal da riqueza, que é uma das funções mais importantes do sistema financeiro. Ao permitirem a assunção de riscos excessivos, estes predadores terminam destruindo riqueza e bens públicos como o crédito e a moeda. Hayek defendeu a “privatização” da moeda, mas Friedman não. Isto não transforma Friedman em não-liberal. Friedman entendia perfeitamente que a moeda e o crédito são bens públicos que necessitam de supervisão e regras de contenção e que se estas não existirem estes bens rapidamente serão destruídos. A existência de bancos centrais e da regulação prudencial dos bancos, assim como o seguro dos depósitos bancários, são práticas que emergiram da evolução dos mercados; quando alguns injetam ideologia na discussão destas questões, estão querendo ser “vivos”, ao atrair apoios

11 Goldman Sachs: um dos maiores bancos de investimento do mundo. Fundado em 1869 por Marcus Goldman, a companhia está sediada atualmente em Nova York e mantém escritórios em muitos outros principais centros financeiros através do mundo. Goldman Sachs oferece consultivos de fusões e aquisições, serviços de subscrição financeiro, e outros produtos financeiros aos seus clientes. É também um revendedor primário no mercado de valores mobiliários do tesouro americano. (Nota da IHU On-Line)

automáticos baseados na ignorância dos aspectos técnicos.

IHU On-Line - Como os valores da escola de economia pregada na Universidade de Chicago, por Friedman, se relacionavam com liberdade e democracia? Qual a atualidade desses conceitos no cenário atual?

Roberto Camps Moraes - A escola de Chicago abriga muitos programas de pesquisa em várias áreas. Cada um dos onze economistas que receberam o Nobel de economia e que trabalham ou trabalharam lá é responsável pela criação de um programa de pesquisa. O pessoal de Chicago gosta de pensar que um princípio básico que os une é a liberdade. E aqui eu gostaria de fazer uma distinção que poucos fazem: a liberdade é uma idéia que não se confunde com a democracia, que é outra idéia. Você pode ter liberdade sem democracia e democracia sem liberdade. Na prática, no entanto, e na nossa época, não se pode conceber uma democracia sem liberdade. O que isto tem a ver com a Escola de Chicago? Creio que nada.

IHU On-Line - Como fica, nesse momento, a legitimidade do capitalismo e das idéias econômicas liberais? Podemos prever uma transformação?

Roberto Camps Moraes - Se eu bem entendi a pergunta, ela parte da idéia de que a crise atual pode ser atribuída ao capitalismo e às idéias econômicas liberais. Como já dito anteriormente, esta idéia é completamente falsa. Mas, certamente, assim como ocorreu depois da Grande Depressão, os coletivistas se aproveitarão, agora, do discurso oportunista dos banqueiros de investimento e da idéia, a meu ver louca, de Hayek, para fazerem esta ligação.

IHU On-Line - Qual a importância da teoria monetária de Friedman para a concepção da economia vigente atualmente? Quais as principais revoluções provocadas por ela?

Roberto Camps Moraes - A regra particular sugerida por ele em 1968 — segundo a qual uma meta de expansão monetária de X%, sendo X uma constante, seria o melhor mecanismo de estabilização da economia — foi enterrada em 1982, por

“A liberdade é uma idéia que não se confunde com a democracia”

ocasião do fim do que ficou conhecido na história da política monetária americana como o “grande experimento monetarista”. Mas, em um sentido mais amplo, a teoria moderna da política monetária, aquela em que se baseiam os grandes bancos centrais do mundo, e que nada tem a ver com as falhas regulatórias que foram responsáveis pela crise atual, deve uma grande parte a alguns princípios básicos que foram defendidos por Milton Friedman nas décadas de 1950 a 1970 do século passado. Entre estes princípios, no campo monetário, estão (1) a superioridade de regras quando comparadas à discricionariedade pura; (2) a prudência nas doses, devido ao desconhecimento dos *leads e lags* de seus efeitos; e (3) o estabelecimento de um método para o cálculo do imposto inflacionário. No campo fiscal, a demonstração de que os sucessivos déficits fiscais conduzem a uma redução da taxa de crescimento da economia no longo prazo e que, portanto, uma restrição orçamentária do governo teria de entrar no modelo macroeconômico. Isto tudo foi defendido em meio a um período em que a hegemonia da ortodoxia keynesiana dispensava preocupações com o longo prazo, baseada no acaciano (porém perigoso) dito “no longo prazo estaremos todos mortos”.

IHU On-Line - Que paralelos podemos traçar entre a crise de 29 e a crise atual?

Roberto Camps Moraes - Muitos. Esperemos que esta não seja tão devastadora como aquela. Mas tudo indica que ela provocará uma recessão americana bem mais funda e bem mais longa do que as últimas (2001 e 1991). Em 1929, como Milton Friedman mostrou em seu livro, a crise financeira — corridas aos bancos e queda da bolsa — pegou as autoridades monetárias em meio a uma instabilidade organizacional, sem definição de um novo organograma, e

em meio a uma transição geracional e de poder do pessoal dirigente. Também não havia uma liderança do tipo de Benjamin Strong,¹² que havia presidido por anos o Fed de Nova Iorque e conhecia muito bem o funcionamento dos mercados, incluindo os europeus. A sua morte deixou as autoridades monetárias americanas em um estado de divisão e discussão permanente, o que conduziu a uma total inércia de política. O agregado monetário M1 caiu, em termos reais, em torno de 33%, junto à falência de milhares de bancos. Naquela época, não havia o seguro de depósito que hoje existe; então os depositantes perdiam tudo. As autoridades monetárias, ao permitirem passivamente a contração geral da moeda e do crédito, deixaram que a cadeia de pagamentos no lado real da economia fosse interrompida, contaminando as empresas não-financeiras e levando-as à falência. O auge da crise econômica ocorreu em 1933, quando 25% da força de trabalho estava desempregada. E naquela época não havia seguro-desemprego. O nível de atividade da economia americana só recuperou o nível de 1929 dez anos depois.

Se bem que as trapalhadas regulatórias e institucionais atuais lembram muito as narradas por Milton Friedman — inclusive os argumentos nas discussões —, hoje há uma compreensão generalizada dos envolvidos nas decisões sobre a necessidade de dar uma solução à crise de confiança e restaurar a circulação sanguínea à economia. Como consequência da queda geral na renda e no emprego, houve várias rodadas de desvalorizações das moedas, buscando empurrar o desemprego para os seus vizinhos e/ou parceiros comerciais. Além disso, foram estabelecidas tarifas de importação na casa dos três dígitos. Tudo isso contraiu os fluxos de comércio internacional, magnificando ainda mais as quedas no emprego e na renda. Embora a crise atual não deva chegar perto da catástrofe que foi a anterior, se já se faziam difíceis passos adicionais na direção da integração econômica internacional — como um acordo na Rodada de Doha —, provavelmente o cenário ficará mais pesado ainda.

¹² Benjamin Strong Jr. (1872-1928): economista americano. (Nota da IHU On-Line)